

A decoração dos epitáfios cristãos de Mértola (séculos V e VIII)

Maria Manuela Alves Dias*

Resumo

O cemitério paleocristão de Mértola é, no território português, a estação arqueológica que maior quantidade de epitáfios cristãos tem revelado. Mais de metade desses epitáfios é decorada. Neste artigo, procura-se fazer uma sistematização dos motivos decorativos patentes nas lápides, tendo em conta os aspectos formais e respeitando as associações de símbolos. Desta sistematização parece poder extrair-se, entre outras, a ideia de que, do ponto de vista social, o tema decorativo do arco sobre colunas se afirma predominantemente nas lápides funerárias de indivíduos ligados à hierarquia religiosa de Mértola.

Abstract

This paper concerns the decoration of the early christian epitaphs from Mértola, the most representative christian cemetery from southern Portugal. It provides an analysis of the decorative elements of dated inscriptions. Six main groups of decorations have been established, based on the formal aspects of symbols and their associations. One of the groups is specially used on the funerary slabs of those bearing clerical grades. On the whole, we can say that the decorative themes do not grow in complexity with the passing of time.

* Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve.
Res. part.: Av. de Madrid, 24, 2.º - 1000 Lisboa

A description of the epistles of Menelaos (seculos V e VIII)

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

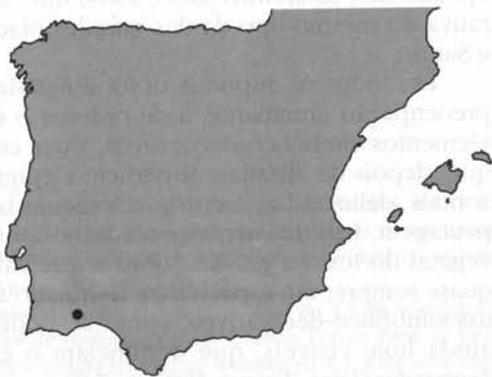
FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

FRAN M. M. DE VRIES, *Department of Classical Studies, University of Toronto, Toronto, Canada*

As lápides, com epitáfios paleocristãos, de Mértola, têm vindo a ser recuperadas desde 1877 (Veiga, 1880)¹. No nosso século, desde finais dos anos setenta, devido à acção da equipa do Campo Arqueológico de Mértola, têm sido recuperadas, quer em sucessivas campanhas de escavação nas ruínas da igreja paleo-



cristã, quer como material reutilizado em diversos pontos da cidade, novas lápides que fazem de Mértola o local onde, hoje, se conserva o maior acervo de documentação epigráfica funerária cristã do território português. Da localização, em Mértola, dos vestígios arqueológicos, bem como da distribuição dos enterra-

¹ As abreviaturas bibliográficas utilizadas neste artigo são as seguintes: FE (= "Ficheiro Epigráfico". Coimbra); ICERV (= VIVES, J. (1969) - *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona); IHC (= HÜBNER, H. (1871) - *Inscriptiones Hispaniae christianae*. Berlin e HÜBNER, H. (1900) - *Inscriptionum Hispaniae christianarum supplementum*. Berlin); OAP (= "O Arqueólogo Português". Lisboa). Fazemos notar que neste artigo foi excluída a inscrição funerária de *Flavianus*, ICERV 495, dada como de Mértola não só por J. Vives, mas também por OLIVEIRA, M. (1941) - *Epigrafia cristã em Portugal*. Lisboa. p. 45, por não podermos ainda confirmar a sua exacta proveniência. A peça foi registada em 1936 (MNAE E-7272 ?), mas por nota de S. Lambrino, ela proviria da Silveirona.

mentos na igreja paleocristã, foi recentemente dado conta numa publicação destinada ao grande público (Torres et al., 1993).

De uma forma geral, os suportes desta epigrafia funerária são de mármore e apresentam dois formatos base: um, rectangular, em que os lados menores servem de base e topo; este é o tipo mais frequente que terá como variante um, em que os lados maiores são os que servem de base e topo ao epitáfio; este subtipo é muito menos frequente. Outro, triangular, de maior ou de menor abertura, a sugerir um frontão, em que a hipotenusa serve de base; pode também apresentar-se sob uma forma subpentagonal (influenciada pela mesma ideia de frontão); este subtipo só está documentado como suporte de duas inscrições gregas. Há um único caso de um texto latino num suporte triangular, mas que mostra a hipotenusa (aliás de pequeníssima dimensão) como topo, e não base da lápide (cf., p. e., Dias, 1987).

Em todos estes epitáfios, o tamanho dos suportes é muito variável. Temos exemplos de lápides suficientemente grandes para cobrirem a maior parte da área de uma sepultura de inumação (como no caso das lápides de *Andreas*, *Satirio* e *Auriola*)², e temos pequenas lápides que apenas marcam o local da sepultura. No entanto, não podemos apontar o tamanho do suporte como uma característica que se ligue especificamente a uma determinada composição decorativa, como se vê pelas pequenas dimensões (63 x 33,5 cm) do epitáfio de *Possidonius* (Dias, 1984) que, aliás, apresenta uma composição decorativa do mesmo tipo da das grandes placas, como as dos epitáfios de *Andreas* e *Satirio*.

Em todos os suportes desta epigrafia funerária é patente que houve uma preocupação dominante, a de ordenar o espaço que ia ser ocupado, quer com elementos simbólico-decorativos, quer com o próprio texto. De facto nota-se que, depois de alisada a superfície a epigrafar, foram nela traçadas pautas horizontais, delimitadas, à direita e à esquerda, por traços verticais. Com base nesta pautagem, habitualmente procedia-se ao delineamento, a pincel³, ou a carvão vegetal do texto a gravar. Sobre o que vai ser a primeira linha do texto, ficava, quase sempre, um espaço livre destinado a acolher a representação dos elementos simbólico-decorativos, como se pode observar, por exemplo, nos traços, ainda hoje visíveis, que denunciam o esboço da decoração do epitáfio de *Leopardus* (Dias; Torres, 1992, p. 7-9).

Na produção do epitáfio, a divisão clara entre estes dois momentos (a *ordinatio* da área destinada à decoração, primeiro, e o prévio delineamento a pincel do texto a gravar, depois), aconselha, portanto, a que façamos uma separação entre os elementos simbólicos, que intencionalmente fazem parte da decoração, e os que, subsidiariamente, foram associados ao texto, quer para abri-lo⁴, quer

² Ver adiante os quadros descritivos.

³ Evidenciado pelo cursivismo aliado à gravação do efeito de engrossamento do traçado, como se vê, p. e., na inscrição funerária de *Leopardus*, I.3, nas duas últimas letras da palavra *duos* (cf. Dias; Torres, 1992).

⁴ Cf., p. e., o caso da cruz monogramática da inscrição funerária de *Amanda*, IHC 303, ou da cruz simples do epitáfio de *Rufina*, ICERV, 494.

como remate⁵, quer, ainda, em posição intercalar⁶, como fecho de linha ou mesmo no lugar de um sinal de abreviatura⁷. Assim, os sinais simbólico-decorativos, considerados associáveis unicamente ao texto, obedecem, de um modo geral, ao mesmo módulo ou à mesma preocupação de *ordinatio* que o próprio texto evidencia.

Quanto à geometria do espaço ocupado pela decoração, as lápides de Mértola podem dividir-se em três grandes grupos. Um grupo é aquele em que a decoração se encontra acima do texto, num espaço rectangular, geralmente mais largo do que alto. O outro é o que apresenta uma decoração que bordejia o texto, acima e lateralmente, e que se desenvolve num espaço mais alto do que largo. Há ainda um terceiro que é constituído por textos envoltos em coroas circulares.

Quanto à utilização conjugada dos diversos elementos, estritamente entendidos como simbólico-decorativos⁸, podem considerar-se seis grupos⁹, como, adiante, se enunciam. O critério de agrupamento passou pela aceitação, como elemento nuclear do próprio conjunto decorativo, isto é, não se procedeu à decomposição dos elementos constitutivos de cada grupo, porque se admite que a sua associação é mais do que uma simples acumulação de significados, correspondendo, cada um, a um determinado segmento simbólico da mensagem visual.

⁵ Cf., p. e., o caso da cruz latina simples, colocada no final da inscrição de *Fistellus*, ICERV 487.

⁶ Para a utilização das *bederae* como sinais de separação entre todas as palavras de um epitáfio c.f., p. e., *supra* o epitáfio de *Fistellus*. Note-se que também já nas inscrições funerárias romanas pagãs esta utilização foi frequente, cf., p. e. (Almar, 1990; Wingo, 1972).

⁷ Para a utilização da *bedera* como fecho de linha cf., p. e., o final da 1.3 da inscrição de *Romanus*, IHC 311. Para a utilização como sinal de abreviatura cf., p. e. (Dias; Torres, 1988, p. 13-16) na inscrição de *Aianes* com a colocação de uma hederia na palavra *bonesta*, na 1.1, e de uma outra, na 1.3, assinalando a abreviatura de *m(inu)s*. Para a utilização simultânea de elementos simbólico-decorativos em todas estas situações cf., p. e., a inscrição funerária de *Simplicius*, IHC 313.

⁸ A forma de descrição que aqui se apresenta (da esquerda para a direita e de cima para baixo, também seguindo a direcção normal da leitura dos textos) teve em conta, sobretudo, a sequência da "arquitectura" decorativa das lápides. Quanto à terminologia usada, "símbolo", "simbólico-decorativo", "simbólica", "simbologia", etc., adverte-se o leitor que é, aqui, usada na acepção comum, e não como vocábulo específico da terminologia estética, porque, como se sabe, sobretudo desde Barthes (1964, *passim*) foram postas muitas reservas aos vários usos inadequados na utilização dos significados eruditos de "símbolo" e seus derivados. Sobre a vulgarização do *chrismon* como símbolo cf., p. e., (Bruun, 1962, 1965 e 1991). Do mesmo modo se procedeu face à utilização do termo emblema. Na generalidade, sobre o entendimento desta questão na Antiguidade Clássica, cf., entre nós (Prieto, 1988, p. 327-339).

⁹ Deixámos de fora desta sistematização, por estar muito incompleta, uma inscrição com *menorab* no final do texto, cf. (Dias, 1978, p.5-7). A colocação deste símbolo judaico parece obedecer ao eixo mediano de simetria. Colocação idêntica têm os segundos elementos simbólicos, uma cruz e *chrismon*, nos epitáfios de *Satirio* e *Andreas* respectivamente (ver quadro descritivo referente ao 3.º grupo).

A diversidade e simultaneamente a unidade plural deste cemitério leva-nos a considerar cada um dos diversos conjuntos, grupos de arranjos decorativos, como um conjunto de frases feitas, uma espécie de formulário gráfico, executado embora com alguma flexibilidade mas que permanece essencialmente um formulário.

Quanto aos formulários textuais, em sentido estrito, e à sua respectiva ordem de leitura, admitimos que recebam da simbólica decorativa associada, um reforço da sua expressão escrita, não parecendo, que em caso algum, uma venha a contradizer a outra. Note-se que num texto, as palavras são aquilo que imediatamente se lê, enquanto que na simbologia os significados rebuscados eram apenas acessíveis a um pequeno número de indivíduos de cultura teológica. É óbvio que um processo de alfabetização passa por um prévio processo de aprendizagem simbólica, o da escrita, e que o reconhecimento de uma efígie monetária, ou, *maxime*, numa bandeira não exige uma iniciação desse tipo alfabético, mas, neste caso dos epitáfios, o problema é diferente porque, a intenção funerária do epitáfio é, de imediato, a perpetuação na comunidade dos vivos da memória do morto na sua exaltação religiosa. A simbólica decorativa condensava graficamente noções de carácter abstracto que na prática se distanciavam do seu propósito de serem uma simbólica conducente à veneração e ao respeito. A reutilização dos suportes funerários (nos epitáfios opistógrafos) prova que o registo funerário individual salvífico cristão, e consequentemente a decoração simbólica a ele associada, não foi suficiente para que, pouco depois, a sociedade dos vivos, capaz de o ler e interpretar, o respeitasse, quanto mais não fosse pela carga sagrada que mostrava - a menção escrita do nome de Deus e a figuração da cruz, além das outras expressões simbólicas. A menos que estas reutilizações do espaço funerário representem, aqui (em Mértola, no Ocidente peninsular), um comportamento funerário próprio do direito sucessório da propriedade dos túmulos, bem conhecido no universo romano pagão, que ainda em ambiente cristão se prolongou na própria Roma. A ser assim, o epitáfio opistógrafo mais recente corresponderia ao de um legítimo sucessor de quem nessa mesma pedra tivesse o nome exarado num epitáfio de data anterior. Também não é de excluir a hipótese de termos, em relação a um "campo santo" relativamente restrito, um simples exercício de economia de uso de espaço.

Mas não esqueçamos que uma representação simbólica tem também de ser pensada em função do seu valor decorativo intrínseco. E, tal como uma palavra, que, pelo seu uso, pode adquirir um novo significado, igualmente um símbolo pode, enquanto significante, por uso excessivo, atenuar, valorizar ou, até, modificar o seu significado - este será o campo da semiologia da simbólica cristã que cabe à História da Arte explorar na área da sociologia do gosto e da moda.

Os grupos que a seguir se estabelecem têm portanto em conta a utilização em conjugação dos elementos simbólico-decorativos como grupos coerentes, acabados, que circunstâncias várias da História criaram, e que o historiador não tem o direito de desarticular, isto é de desmontar analiticamente até à pulverização do grupo em micro-elementos geométricos passíveis de amplas macro-interpretações - aliás esta foi sempre a tentação mais frequente das escolas formalistas e dos tipologistas.

Grupos:

1.º Grupo - Cruzes.

1.º – A - Cruz latina colocada acima do texto, e posta no prolongamento do eixo mediano de simetria.

1.º – B - Cruz pátea inclusa em círculo, colocada acima do texto e posta, igualmente, no prolongamento do eixo mediano de simetria.

2.º Grupo - Cruz sob arco. Cruz pátea, inclusa em círculo, sem colunas e colocada acima do texto, no prolongamento do eixo mediano de simetria, e o todo sob arco.

3.º Grupo - Cruz ou *chrismon* sob arcos apoiados em colunas.

3.º A - Cruz ou *chrismon* sob arco, com colunas, ou outros motivos, que o suportam e enquadram o texto.

3.º B - Cruz ou *chrismon* e outros motivos, com colunas que enquadram o texto.

4.º Grupo - Aves afrontadas a cruz ou *chrismon*. Aves afrontadas a um motivo central (cruz ou *chrismon*), sem integrarem composições de arcos e/ou colunas; o conjunto é colocado, acima do texto, no prolongamento do eixo mediano de simetria.

5.º Grupo - Cruz ou *chrismon* associado a outros motivos; motivos, colocados de um lado e de outro de uma cruz ou *chrismon*; o conjunto é colocado acima do texto no prolongamento do eixo mediano de simetria.

6.º Grupo - Outros elementos. Drapeados (?).

1.º GRUPO - CRUZES

1.º – A - Cruz latina colocada acima do texto, no prolongamento do eixo mediano de simetria.

| Data | Nome, bibliog. particul. | Tipos de cruz Outros motivos |
|--------|---|--|
| a. 556 | <i>Vincentius</i> , FE 38; decoração completa | Cruz latina |
| a. 566 | <i>Tyberius</i> , IHC 314; decoração completa | Cruz latina de terminações patadas |

1.º – B - Cruz pátea inclusa em círculo, colocada acima do texto e no prolongamento do eixo mediano de simetria.

| Data | Nome, bibliog. particul. | Cruz inclusa em círculo/s | | Outros motivos |
|--------|--|--|--|--|
| | | Círculos | Tipos de cruz | |
| a. 524 | [.....]rus, FE 172 e <i>Euphrosyne</i> XXII (1994), p. 171-184; decoração reconstituível | Dois círculos concêntricos gravados | Cruz de braços curvos c/ terminações côncavas | Heras entre os braços da cruz, c/ pecíolos que se ligam à coroa circular |
| a. 537 | <i>Cyprianus</i> , FE 37; decoração completa | Um só círculo gravado | Cruz de braços curvos que encostam ao círculo | Os espaços entre os braços da cruz são rebaixados |
| a. 546 | <i>Britto</i> , IHC 305; decoração completa | Um só círculo gravado | Cruz de braços curvos c/ terminações côncavas | Heras entre os braços da cruz c/ pecíolos pouco destacados que não são cortados pelo círculo |
| a. 706 | <i>Afranius</i> , IHC 302; desaparecida (conserva-se desenho) | O círculo em que se inscreveu a cruz não foi gravado | Cruz de braços curvos que encostam ao círculo | |
| s/d | [.....] ...b)onesta, IHC 321; decoração reconstituível | Um só círculo gravado | Cruz de braços curvos que encostam ao círculo | Heras entre os braços da cruz c/ os pecíolos cortados pelo círculo |

2.º GRUPO - CRUZ SOB ARCO

Cruz pátea, inclusa em círculo, sem colunas e colocada acima do texto, no prolongamento do eixo mediano de simetria, e sob arco.

| Data | Nome, bibliog. particul. | Cruz inclusa em círculo/s | | Arco | Outros motivos |
|---------------|---|---|--|--------------|----------------------------------|
| | | Círculo/s | Tipos de cruz | | |
| a. 522 (?) | <i>Romanus</i> , IHC 311; decoração completa | Dois círculos concêntricos gravados | Cruz de braços rectos c/ terminações rectas | Arco simples | Heras entre os braços da cruz |
| a. 527 | <i>Fortunata</i> , ICERV 529; decoração completa | Dois círculos concêntricos, um gravado outro implícito | Cruz de braços rectos c/ terminações côncavas | Arco cordado | Heras entre os braços da cruz |

| | | | | | |
|------------|---|--|---|--|---|
| a. 527 | <i>Festellus</i> , FE 181; decoração completa | Dois círculos, um gravado, outro aparente | Cruz de braços curvos c/ terminações côncavas | Arco cordado c/ pedra de fecho c/ cruz | Heras entre os braços da cruz c/ os pecíolos ligados à coroa circular |
| a. 566 | <i>Senatrex</i> , IHC 493; decoração incompleta (restituição fotográfica) | Dois círculos, um gravado, outro implícito | Cruz de braços rectos c/ terminações rectas | Arco cordado sobre capitel | Sem heras? |
| a. 627 (?) | <i>Stefanus</i> , FE 183; decoração incompleta | [.....?.....] | [.....?.....] | Arco cordado | [.....?.....] |
| a. 671 | <i>Antonia</i> , FE 39; decoração completa | Um só círculo gravado | Cruz de braços curvos que encostam ao círculo | Arco cordado c/ fecho em triângulo | Cruzes latinas a ladear o arco |

3.º GRUPO - CRUZ OU *CHRISMON* COM COLUNAS

3.º A - Cruz ou *chrismon* sob arco, com colunas (ou outros motivos) que suportam e enquadram o texto.

| Data | Nome, bibliog. particul. | Cruz inclusa em círculo/s Círculo/s Cruz/ <i>chrismon</i> . | Colunas | Arco | Outros motivos |
|--------|---|--|---|--|----------------|
| a. 489 | <i>Satirio</i> , IHC 312; parte da decoração descrita foi refeita | Sob o arco, <i>chrismon</i> , a cheio, de ρ greco-latino e pé bifido, entre α e ω ; no fim do texto, cruz grega de braços iguais c/ terminações bifidas, com α e ω no campo | Composição de colunas torsas e colonelos c/ capitel | Arco com decoração em vv, sobre capitéis decorados | |
| a. 507 | <i>Pierius</i> , FE 35; decoração completa | Sob o arco, <i>chrismon</i> entre α e ω | | Arco de um só traço que se prolonga numa moldura rectangular de um só sulco que enquadra o texto | |

| | | | | | | |
|--------|--|--|--|--|--|---|
| a. 512 | <i>Possidonius</i> , FE 36; decoração completa | Um só círculo subentendido que serviu de base ao traçado da cruz | Quadrifólio resultante do rebaixamento do intervalo dos braços de uma cruz pátea de braços curvos, cujas terminações encostam ao círculo subentendido | Colunas lisas c/ base e capitel | Arco formado por duas palmetas apontadas aos capitéis | De fora, hera sobreposta ao fecho do arco e apontada ao centro do quadrifólio |
| a. 525 | <i>Andreas</i> , IHC 304; decoração completa | | Sob o arco, <i>chrison</i> de p greco-latino e pé bífido, entre α e ω no fim do texto, cruz latina de terminações patadas, entre α e ω | Colunas cordadas c/ base lisa e capitel decorado | Arco em ferradura formado a partir de palmetas | |
| a. 526 | <i>Leopardus</i> , FE 183; decoração completa | O círculo, que serviu de base ao traçado da cruz, não foi gravado | Cruz pátea de braços iguais e recurvados; do pé da cruz sai um prolongamento que a emenda para as proporções de uma cruz latina | Colunas cordadas c/ base e capitel decorados | Arco cordado | Pombas afrontadas, de um e outro lado da cruz |
| s/d | <i>Exsoderus</i> , (?) FE 173; decoração incompleta; lápide bisoma (?) | | Cruz latina patada (?) ou bífida (?) | Dois colunelos à esq. e uma coluna central | Arco em ferradura, cordado | Pomba afrontada à esq. (de um para ladear uma cruz?) |

3.º B - Cruz ou *chrismon*, e outros motivos, com colunas que enquadram o texto

| Data | Nome, bibliog. Colunas particul. | Arco | Cruz inclusa em círculo/s Círculos/s | Cruz/ <i>chrismon</i> . | Heras | |
|--------|--|--|---|-------------------------|---|---|
| a. 528 | <i>Exuperius</i> , ICERV 489; decoração completa | Colunas de fuste cordado com base e capitel | Frontão cordado assente sobre uma imposta tb. cordada | Um círculo não gravado | Cruz pátea de braços rectos | Heras, entre os braços da cruz, muito valorizadas |
| a. 537 | <i>Simplicius</i> , IHC 31; decoração completa | Dois duplos colunelos de fuste liso c/ base e capitel decorado | | Um círculo gravado | Cruz pátea de braços com terminações côncavas | Heras entre os braços da cruz |

4.º GRUPO - AVES AFRONTADAS A CRUZ OU *CHRISMON*

Aves afrontadas a um motivo central (cruz ou *chrismon*), sem integrarem composições de arcos ou colunas. O conjunto foi colocado acima do texto, no prolongamento do eixo mediano de simetria

| Data | Nome, bibliog. Aves particul. | Cruz inclusa em círculo/s Outr. motiv. Círculo/s | Cruz/ <i>chrismon</i> | Obs. | |
|--------|--|--|-----------------------|---|--|
| a. 470 | <i>Faustianus</i> , ICERV 486; decoração incompleta mas reconstituível | Duas pombas afrontadas | Um só círculo gravado | <i>Chrismon</i> , em círculo c/ α e ω | Todo o campo está rodeado por um sulco; opistógrafa da lápide de <i>Restitutus</i> |
| a. 494 | <i>Mannaria</i> , IHC 309; decoração incompleta mas reconstituível | Duas pombas, afrontadas entre uma cruz latina, sobre duplo círculo | Duplo círculo gravado | <i>Chrismon</i> em duplo círculo c/ α e ω | Aves apoiadas sobre a coroa circular |
| a. 510 | <i>Auriola</i> , ICERV 488; decoração completa | Dois pavões afrontados a uma cruz pátea com braços rebaixados | Um só círculo gravado | Cruz pátea com braços curvos e terminações côncavas | |
| a. 524 | <i>Aianes</i> FE 121; decoração completa | Duas pombas afrontadas a uma cruz | | Cruz latina, imissa (?), pátea | |

| | | | | | | |
|-----|--|--|---|--|--|--|
| s/d | [.....] <i>Eupbrosyne</i> , XXII (1994), p. 171-184 só resta parte da decoração | Dois pavões afrontados ¹⁰ | Campo de ramos de roseira em botão | Dois círculos concêntricos gravados formando coroa circular decorada com fita | Cruz pátea de braços curvos e terminações côncavas | Entre os braços da cruz heras c/ palmetas |
| s/d | [.....] <i>IHC</i> 317; só resta a decoração | Duas pombas afrontadas (só resta a da dir.) | | | Cruz pátea de braços com terminações rectas; no pé terminação convexa | |

5.º GRUPO - CRUZ OU *CHRISMON* ASSOCIADO A OUTROS MOTIVOS

Banda de diversos motivos colocados simetricamente acima do texto

| Data | Nome, bibliog. particul. | Cruz inclusa em círculo/s Círculo/s | Cruz/ <i>chrism</i> | Outr. mot. | Obs. |
|--------|--|---|---|---|--------------------------------------|
| a. 465 | <i>Donata</i> , <i>IHC</i> 306; desaparecida | | <i>Chrismon</i> à. esq. e cruz grega à dir. | | <i>Chrismon</i> de p greco-latino |
| a. 503 | <i>Orania</i> , <i>IHC</i> 310; decoração completa | | <i>Chrismon</i> à esquerda; cruz grega à direita | Coroa de folhas, quadripartida, c/ texto incluso | <i>Chrismon</i> de p greco-latino |
| a. 510 | <i>Fistellus</i> <i>ICERV</i> 529; decoração completa | Dois círculos concêntricos gravados | Cruz pátea c/ as terminações dos braços côncavas | Vasos c/ palmetas à direita e à esquerda | |
| a. 544 | <i>Amanda</i> , <i>IHC</i> 303; decoração completa | Um círculo gravado | Aspa (cruz de Sto. André) ancorada, c/ botão central | <i>Transennae</i> de trama de arcos imbricados ¹¹ à esq. e à dir. | |

¹⁰ Além dos paralelos apontados na bibliografia desta peça devo acrescentar o exemplo de dois pavões afrontados a um pequeno vaso num desenho feito sobre um tijolo proveniente de Milreu (Estói, Faro), cf. Almeida (1962, est. LIII, nota 304).

¹¹ Para a representação de *transennae* na epigrafia cristã da Hispânia cf. o epitáfio de *Gregorius*, *IHC* 60, proveniente de Alcalá del Rio, datado também do mesmo ano de 544, onde o elemento central é um *chrismon* com terminações bifidas, com *a* e *w*. Para o uso do motivo de arcos imbricados, de influência musiva, associado à epigrafia pagã hispânica em contextos funerários dos séculos II-III, cf. Abascal (1992, p. 309-337). Em África, também na epigrafia funerária paleocristã o tema das *transennae* de arcos imbricados foi utilizado em coberturas musivas tumulares, cf. Duval (1976, *passim*) (especialmente em Uppenna, na Tunísia).

| | | | | |
|--------|--|---|---|---|
| a. 587 | <i>Rufina</i> , ICERV 494; decoração completa | Um círculo gravado à esq.; dois círculos concêntricos gravados à dir. | Cruz pátea de terminações convexas; cruz pátea de terminações convexas e heras entre os braços | Opistógrafa da lápide de <i>Exuperius</i> (a.527) |
|--------|--|---|---|---|

6.º GRUPO - OUTROS ELEMENTOS (DRAPEADOS ?)

| Data | Nome, bibliog. particul. | Cruzes inclusas em círculo/s Círculo/s cruz/cbrism | Div. mot. | Obs. |
|--------|---|--|--|--|
| a. 525 | <i>Res[itu]tus</i> , OAP S.IV, 5, 1987, p. 228-229; decoração incompleta | | Vestígios de drapeados à direita | Opistógrafa da lápide de <i>Faustianus</i> (a. 470) |
| a. 526 | [.....]s, <i>FE</i> 187; decoração incompleta | | Vestígios de drapeados à dir. | |

Os seis grupos em que dividimos a decoração funerária das lápides foram, cada um, individualizados, segundo um critério que teve em conta, além da sua caracterização meramente formal, que os elementos simbólico-decorativos patentes se associavam dentro de composições decorativas, certamente mais vastas, que a amplitude cronológica documentada nos legou de uma forma abreviada, sintetizada (própria da natureza documental dum epitáfio que, seja como for, é ainda um sucedâneo cronologicamente muito próximo do anterior epitáfio latino não cristão que, como se sabe, evidenciava, para o fim do Império, cada vez mais, uma mescla de formalismos fixos e de conceitos omissos (Sanders, 1976). É por isto que, na análise, estes conjuntos devem conservar-se, sob pena de, ao decompô-los, facilitarmos uma atomização de significados, porque o todo (que é já em si mesmo um discurso formal abreviado) não será forçosamente um somatório de partes, i.e., de micro-elementos conceptuais.

Só se podem tomar estes grandes grupos como verdadeiros elementos significantes depois de se poder avaliar até que ponto eles são quase exclusivamente produtos da técnica de uma oficina epigráfica ou neles participa, com maior ou menor peso, a carga simbólico-ideológica de determinados momentos correspondendo a modas passageiras, modas essas que, por sua vez, se poderiam aplicar, ou não, à totalidade dos fiéis, ou apenas a alguns dos seus membros, individualizados pela sua condição social, religiosa, etária ou de sexo.

A tratar-se de vogas de oficina, além da possibilidade de podermos vir a identificar breves intrusões de tendências litúrgico-funerárias, mais ou menos datáveis, será a análise da associação, numa série de epitáfios, dos elementos simbólicos representados com os elementos paleográficos (e de todo o tratamento do suporte) que nos poderá denunciar os significados internos do percurso cultural da produção da série de epitáfios considerada.

Do ponto de vista simbólico, no entanto parece-me que estes seis grupos formais se podem reduzir apenas a três:

1 – A profissão de fé (expressa por uma cruz/*chrismon* - de qualquer dos tipos representados).

2 – O tema da passagem da vida, com arcos e colunas ou *transennae*.

3 – O tema que chamarei “do paraíso”, isto é, representações estáticas, indutoras de imagens de êxtase da bem-aventurança.

Estes três grupos podem aparecer-nos isoladamente ou associados; como já dissemos, por comodidade e, sobretudo, pelas razões de critério acima indicadas, não se quebraram os conjuntos.

Uma avaliação cronológica da utilização dos diversos tipos de decoração permite afirmar que à complexidade decorativa não corresponde uma evolução cronológica de complexificação dos motivos; as estelas mais decoradas não são anteriores às menos decoradas.

A análise sumária da decoração dos epitáfios evidencia a cruz e/ou o *chrismon*¹² como o elemento mais frequente em todos eles. Admitimos como hipótese para esta análise, numa perspectiva tradicionalista, que este motivo-base irá passar sucessivamente por uma série de combinações e associações.

O elemento mais simples é a elementar cruz latina, gravada apenas com um sulco e, com ou sem terminações, colocada no prolongamento do eixo de simetria do texto. Vejam-se os epitáfios de *Vincentius*, datado de 556, e o de *Tyberius*, datado de 566; em associação, aparece ainda em 671, na inscrição de *Antonia*.

A cruz pátea, de braços iguais, desenhada a partir de um círculo atravessado por quatro arcos de círculo que se entrecruzam a pouca distância do centro, é o motivo mais constante deste cemitério (aparece pela primeira vez em 510, nas lápides de *Fistellus* e *Auriola*¹³, e mantém-se até 706, na lápide de *Afranius*). Este motivo vai permitir uma série de variações, que vão desde o simples traçado de um segundo círculo concêntrico, originando uma coroa circular entre eles, ao preenchimento dos espaços entre os braços da cruz com representações de folhas de hera, mais ou menos bem desenhadas, ou a variações nas terminações dos braços da cruz entre o côncavo, o recto e o convexo. Todas estas variantes são exploradas e reinterpretadas num jogo de claros e escuros (obtidos pelo tipo de gravação ou pela espessura dos traços), ou pela valorização de elementos aparentemente secundários, como folhas de hera, colocadas geralmente entre os braços da cruz, muitas vezes em detrimento da clara inteligibilidade da própria cruz.

¹² A cruz de braços iguais aparece associada ao *chrismon* (na inscrição de *Donata* e na de *Orania*, dos anos de 465 e 503 respectivamente).

¹³ Indivíduos que, nos epitáfios, aparecem qualificados de *vir honestus* e *bonesta femina*.

O motivo central da decoração da lápide funerária de *Amanda*, que aparece descrito como uma cruz de Santo André ancorada e com botão central, permite a leitura que resulta da duplicidade de interpretação proposta por um motivo de cruz com heras entre os braços, em que apenas foram valorizados os dois diâmetros do círculo que tocam o arranque dos pecíolos da hera.

A íntima ligação entre o traçado dos círculos, que dão origem às cruzes, e um novo círculo concêntrico que nem sempre origina explicitamente uma coroa circular¹⁴, se por um lado pode sugerir a presença de uma coroa não decorada (enquanto representação da coroa da vitória, *Victoria*), não permite, por si só, a generalização desta interpretação. E mesmo tendo em conta que, numa composição com pavões e rosas, uma coroa circular idêntica aparece, decorada como se se tratasse de uma coroa de fita (Dias, 1994, p.171-184), não é admissível generalizar esta interpretação a todas as representações de coroas circulares que obviamente resultaram, em primeira mão, da geometria da marcação de um compasso aplicado ao traçado das cruzes.

Convém chamar a atenção para o facto de o motivo da coroa, como motivo isolado, apenas aparecer no cemitério de Mértola por três vezes, nos epitáfios de *Orania*¹⁵, no de *Vincentia* (Dias, 1997) e no de *Stefanianus* ou *Stephanus* (Dias, 1994). As coroas de fita aparecem aqui por duas vezes, e em duas lápides, que não conservam as referências de datação (na inscrição de *Stefanianus* ou *Stephanus* e, em associação, na decoração da lápide dos pavões e rosas (Dias, 1994). Em Mértola, a menor frequência da representação de coroas, assumidas unicamente como tal, contrasta com uma sua maior frequência nas lápides paleocristãs de Mérida, onde chegaram a ser consideradas características deste cemitério (cf. Navascués, 1949, p.103-144 e 1953, p. 50-51). Entre Mérida e Mértola são de admitir as influências mútuas, dada a proximidade entre estas duas cidades nas margens do mesmo rio, e é de admitir também que a influência das modas decorativas da capital da Lusitânia se tivesse manifestado, em Mértola, precisamente por representações, neste caso, de decorações, embora escassas, de coroas de folhas e de fitas - isto entre outras possíveis aproximações decorativas formais, que a pequena quantidade de documentação emeritense disponível limita a avaliação da sua representatividade.

O *chrismon* aparece, neste cemitério, tanto na sua variante de ρ , sem qualquer tipo de recurvamento, como na variante que apresenta a típica terminação recurvada (fazendo lembrar o tipo arcaico do R latino) dita de ρ greco-latino (mas que é realmente uma importação oriental) (cf. Gondi, 1920, p. 66); apresentando-se com o pé bífido, ou não, envolto, ou não, num círculo, ou dentro de uma coroa circular, sob um arco, ou ladeado por outros motivos.

O *chrismon* (sem r greco-latino, e com a e w) aparece neste cemitério em 470 (na inscrição de *Faustianus*), está presente em 494 (na inscrição de *Mannaria*) e aparece, ainda, em 507 (na inscrição de *Pierius*).

¹⁴ Para o círculo externo originar uma coroa circular seria necessário que as duas construções geométricas estivessem explicitamente marcadas em todos os exemplares, o que não acontece, cf., p. e., o caso do epitáfio de *Exuperius*, ICERV 489.

¹⁵ Cf. IHC 310, epitáfio datado do ano de 503, que apresenta uma coroa com paralelos estreitos na da inscrição funerária de *Florentia*, datada de 464, ICERV 25.

Neste cemitério a mais antiga presença do *chrismon* com **✠** greco-latino documenta-se nas seguintes inscrições funerárias: de *Donata*, datada de 465 (e associado a uma cruz grega); de *Satirio*, datada de 489; de *Orania*, datada de 503 (e associado como no de *Donata* a uma cruz grega, a que se acrescentou, aqui, uma coroa de folhas que envolve o texto do epitáfio onde está o nome da defunta, possivelmente a sugerir a garantia da futura “vitória” desta sobre a morte) e ainda, na do epitáfio de *Andreas*, datado de 525, e que é muito semelhante ao de *Satirio* (também com uma composição sob arco e colunas). Apesar destas inscrições terem uma cronologia segura, a presença deste tipo de *chrismon*, neste cemitério, não pode ser justificada apenas por uma razão de moda, já que, na mesma época, temos aqui outras formas de representação do *chrismon*.

No entanto, devemos chamar a atenção para o facto de estas quatro lápides constituírem dois pares de decorações idênticas e, ainda, para a coincidência da origem grega da onomástica pessoal de *Satirio* e *Andreas*, aliado ao facto de estarmos perante dois funcionários ao serviço da Igreja (*Andreas* foi *princeps cantorum* e *Satirio* afirma-se como *presbyter* que durante doze anos *ministravit in presbyterium*). De qualquer modo, e apesar destas aparentes coincidências, o universo dos portadores deste tipo de *chrismon* é demasiado restrito para poder garantir, para os quatro, uma mesma afectação socio-cultural.

Uma avaliação social da utilização dos diversos tipos de decoração permite afirmar que:

O terceiro grupo e as suas variantes estão representados na maioria das inscrições de dignitários religiosos, ou de pessoas directamente ligadas ao culto. Assim neste grupo temos:

- a. 489 *Satirio* (*presbyter*)
- a. 512 *Possidonius* (*presbyter*)
- a. 525 *Andreas* (*princeps cantorum*)
- a. 528 *Exuperius* (*ostiarius*)
- a. 537 *Simplicius* (*presbyter*)
- s/d *Exsoderus* (*presbyter*?)

Apenas dois indivíduos, dos referidos em lápides com este tipo de decoração, não têm consignada a sua directa ligação ao serviço da Igreja. São eles:

- a. 501 *Pierius* ¹⁶
- a. 526 *Leopardus*

Fora deste grupo decorativo temos 5 exemplos de lápides que referem indivíduos ligados à hierarquia religiosa, ou seus próximos, são eles:

- a. 522 *Romanus* (*presbyter*) - 2.º grupo
- a. 546 *Britto* (*presbyter*) - 1.º grupo
- a. 566 *Tyberius* (*lector*) - 1.º grupo

¹⁶ Esta inscrição refere um *Pierius* como tendo sido o nome que o defunto tinha usado <in> *s(ae)c(u)l(o)*; estabelecendo-se assim a oposição entre a “vida no mundo” e a “vida depois da morte”. No entanto não podemos afirmar que esta expressão não tenha sido usada, aqui, para explicitar a situação de um laico, chamado *Pierius*, que, à data de sua morte, é já um ‘funcionário’ religioso (cuja função específica, alta ou baixa, a lápide não menciona).

- a. 587 *Rufina (religiosa* ¹⁷) - 5.º grupo
- a. 706 *Afranius (presbyter)* - 1.º grupo

Pode portanto afirmar-se que existe a tendência para a utilização da decoração de arco sobre colunas, e suas variantes, principalmente por elementos ligados à igreja, embora não se possa admitir essa prática como uma prática normativa, aplicável a todos eles.

Entre os não religiosos existem algumas diferenças expressas de estatuto social, que nos permitem destacar os *honesti* da restante população deste cemitério.

Assim os privilegiados, com estatuto social expreso, apresentam, nas suas lápides funerárias, esquemas decorativos integráveis nos seguintes grupos:

- a. 510 *Auriola (honesta femina)* - 4.º grupo
- a. 519 *Fistellus (vir honestus)* - 5.º grupo
- a. 524 *Aianes (honesta femina)* - 4.º grupo
- s/d [...] *(honesta femina)* - 1.º grupo

Falta saber a correlação entre estes e todos aqueles que se limitam a ter exarada, na lápide funerária, apenas a referência *famulus/a Dei*, que são a maioria neste cemitério, e que, no que respeita à decoração, se podem inscrever nos mesmos grupos e não diferem significativamente destes privilegiados.

Como se pode ver, as formas decorativas dos epitáfios paleocristãos de Mértola, apesar da sua diversidade, limitada embora, não são susceptíveis de estruturar uma progressiva complexificação decorativa, isto é um enriquecimento de significantes ornamentais, que indiciariam uma aprendizagem gradual de uma simbologia e, com ela, dos conceitos teológicos nela contidos. Tal como os textos escritos, os conjuntos decorativos aparecem já como um processo acabado, como formulários que podem até ser, se atendermos ao significado de cada um dos seus elementos, meramente repetitivos, o que poderia atenuar, ou até anular, a eficácia da recepção social do significado dos elementos significantes, quer textuais quer decorativos. Cremos, portanto, que a função decorativa destas representações (e com ela a distinção social que lhe está implícita) terá tido um papel muito importante, podendo mesmo cada representação global, abafar o valor simbólico de cada um dos elementos que a integram.

Uma avaliação social do conjunto das lápides deste cemitério permite, por enquanto, apenas apontar que é nos epitáfios dos servidores da igreja que se encontra maioritariamente o tipo decorativo de “arco sobre colunas”, um pórtico simples. Este tipo apresenta uma amplitude cronológica que vai desde 489 a, pelo menos, 537. Teríamos assim uma frequência segura de uso deste grupo decorativo durante pelo menos 50 anos, mas não devemos esquecer que, paralelamente, havia outros tipos decorativos que tiveram maior duração ¹⁸.

¹⁷ F. Grossi Gondi (1920, p. 159) admite, tendo por base o material epigráfico da Gália do século VI, a menção do termo *religiosa* como declaração de um estatuto na hierarquia religiosa cristã.

¹⁸ Este texto que é parte de uma comunicação da A. à IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, realizada em Lisboa em 1992, foi redigido, sob a presente forma, no Outono de 1993 e revisto em Fevereiro de 1994.

Bibliografia

- ABASCAL, J. M. (1992) - *Una officina lapidaria en Segobriga. El taller de las series de arcos*. «Hispania Antiqua». Valladolid. 16.
- ALMAR, K. P. (1990) - *Inscriptiones latinae. Eine illustrierte Einführung in die lateinische Epigraphik*. Viborg, Odense, p. 43-45.
- ALMEIDA, F. de (1962) - *Arte Visigótica em Portugal*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. N. S. 4.
- BARTHES, R. (1964) - *Éléments de sémiologie*. Paris.: Du Seuil.
- BRUUN, P. (1962) - *The christian signs on the coins of Constantine*. «Arctos». Helsinki. 3, p. 5-35.
- BRUUN, P. (1965) - *Early christian symbolism on coins and inscriptions*. «Studi di Antichità Christiana». Ravenna. 26, p. 527-535.
- BRUUN, P. (1991) - *Studies in Constantinian numismatics*. Roma Inst. Rome Finlandiae p. 53-74.
- DIAS, M. M. A. (1978) - *Fragmentos de um epitáfio do séc. V*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 21.
- DIAS, M. M. A. (1987) - *A inscrição funerária paleocristã de Silbanus*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 21, p. 8-10.
- DIAS, M. M. A. (1994) - *Quatro lápides funerárias cristãs de Mértola (séc. VI-VII)*. «Euphrosyne». Lisboa. N. S., 22.
- DIAS, M. M. A. (1997) - *Três fragmentos de inscrições paleocristãs, inéditas, na coleção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S. 4, 8/10.
- DIAS, M. M. A.; TORRES, C. (1984) - *Inscrição funerária de Possidonius*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 9, p. 6-7.
- DIAS, M. M. A.; TORRES, C. (1988) - *O epitáfio paleocristão de Aianes (Mértola)*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 26.
- DIAS, M. M. A.; TORRES, C. (1992) - *O epitáfio paleocristão de Leopardus (Mértola)*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 41.
- DUVAL, N. (1976) - *La mosaïque funéraire dans l'art paléochrétien*. Ravenna: Longo editore.
- GONDI, F. GROSSI (1920) - *Trattato di epigrafia cristiana latina e greca del Mondo romano occidentale*. Roma.
- NAVASCUÉS, J. M. de (1949) - *Losas y coronas sepulcrales en Mérida - ensayo sobre algunos caracteres externos de los epitafios de los siglos V al VII*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». Valladolid. 15.
- NAVASCUÉS, J. M. de (1953) - *El concepto de la epigrafía*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PRIETO, M. H. T. C. U. (1988) - *Emblema e Sbmá*. «Euphrosyne». Lisboa. N. S. 15.
- SANDERS, G. (1976) - *Les chrétiens face à l'épigraphie funéraire latine*. «Assimilation et résistance à la culture gréco-romaine dans le Monde Ancien». Bucaresti-Paris, p. 283-299.
- TORRES, C. [et al.] (1993) - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1880) - *Memória das antiguidades de Mértola, observadas em 1877 e relatadas*. Lisboa.
- WINGO, E. O. (1972) - *Latin Punctuation in the Classical Age*. Paris: Mouton.



Fig. 1 – IHC 321 - 1.º grupo B.



Fig. 2 – FE 181 - 2.º grupo.



Fig. 3 – IHC 304 - 3.º grupo.

Fig. 4 – IHC 309 - 4.º grupo.



Fig. 5 – IHC 310 - 5.º grupo.



Fig. 6 – OAP, s. 4, v. 5, 1987 - 6.º grupo.